

Moreira e José Geraldo vão atacar

Os deputados Manoel Moreira (PMDB-SP) e José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG), suspeitos de manipular verbas orçamentárias, pretendem adotar a tática da "agressividade" em seus depoimentos à CPI do orçamento, esta semana. A informação já chegou ao presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), e ao coordenador da subcomissão de patrimônio, senador José Paulo Bisol (PSB-RS). Moreira vai depor amanhã, às 14h, e Ribeiro na manhã de quarta-feira. Segundo essas informações, os deputados pretendem atacar em vez de apenas se defenderem das acusações. Além disso, as informações que chegaram aos integrantes da CPI revelam também que eles vão atacar os próprios integrantes da comissão, e pelo lado pessoal.

Na avaliação de Bisol, o ataque, neste caso, não é a melhor arma. "O envolvimento eventual de algum integrante da CPI nas denúncias investigadas pela CPI não anula as acusações que existem contra os envolvidos", raciocinou, despreocupado, o senador. Para o interrogatório de Moreira e Ribeiro, os integrantes da CPI estão preparando relatórios minuciosos, especialmente sobre a atividade bancária e a variação patrimonial dos dois parlamentares.

Ontem, Bisol recebeu uma denúncia anônima acusando um parlamentar, que ele não quis identificar, de possuir entre 12 e 13 propriedades rurais ocultas, isto é, em nome de testas-de-ferro, como familiares e amigos. A denúncia é minuciosa, com nome do vendedor, área das propriedades e localização. Esse tipo de

denúncia, explicou, reforça os pedidos que a CPI fez aos cartórios de todo o país, na busca de bens registrados em nome de parlamentares e seus familiares, mas não declarados à Receita. "Ninguém quer aparecer como proprietário", filosofou Bisol.

☐ Marinalva Soares da Silva, ex-mulher de Manoel Moreira, afirmou não acreditar que o ex-marido terá condições de negar o seu depoimento na CPI do Orçamento. Segundo ela, se a CPI da Vasp for reaberta ficará constatada a ligação de Moreira com Quércia. Ela recorda que o assessor financeiro da Vasp na época da privatização, Jorge Vasconcelos Cunha, foi transferido para a CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz), onde assumiu o cargo de diretor financeiro. A estatal é hoje o maior reduto quercista no estado.